

O MOVIMENTO HIP HOP COMO EXPRESSÃO DA CULTURA AFRICANA

Samia Paula dos Santos Silva¹

Jair Delfino²

Jarles Lopes de Medeiros³

Resumo

O trabalho discute acerca de como o jovem constrói sua identificação com a cultura negra, a partir de sua relação com o movimento hip hop. Para tanto, realizou-se um levantamento bibliográfico, a fim de conhecer as suas motivações, desde sua origem, e a sua relação com os movimentos de rebeldia negra, bem como a estreita relação entre suas características principais e a cultura de origem africana. Como metodologia, utilizamos a pesquisa teórico-bibliográfica. Em síntese, esta proposta tem a intenção de contribuir para o reconhecimento, a valorização e o fortalecimento da cultura hip hop, e ao mesmo tempo, para a educação informal dos jovens da periferia. Os resultados apontam que o movimento hip hop nasceu a partir da organização dos grupos negros, como forma de resistência e enfrentamento aos problemas raciais encontrados em nossa realidade. Contudo, essa forma de expressão tem sido continuamente marginalizada.

Palavras-chave: Identidade; Cultura Negra; Hip Hop.

¹ Mestranda em Educação Brasileira na Universidade Federal do Ceará, vinculada à Linha de Pesquisa Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola. Bolsista CNPq. E-mail: samiapaula86@gmail.com.

² Mestrando em Educação Brasileira na Universidade Federal do Ceará, vinculado à Linha de Pesquisa Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola. Bolsista FUNCAP. E-mail: jair.delfino@gmail.com.

³ Mestrando em Educação Brasileira na Universidade Federal do Ceará, vinculado à Linha de Pesquisa História da Educação Comparada. Bolsista CNPq. E-mail: jarlles@hotmail.com.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho trata da afirmação e do reconhecimento da cultura negra, através da linguagem do movimento hip hop, por meio dos jovens negros cearenses. Temos em vista analisar como essa cultura influencia na construção da identidade negra e suas relações com as tradições orais africanas. Esse movimento envolve jovens das periferias urbanas das cidades do Brasil e de diversas regiões do mundo, realizando arte, cultura e lazer. Suas principais expressões são a música (*rap*), o grafismo, a literatura e a dança.

Em estudos voltados para a arte com base africana, observamos que o movimento hip hop nasceu a partir da organização dos grupos negros, como forma de resistência e enfrentamento aos problemas raciais encontrados em nossa realidade. Contudo, essa forma de expressão tem sido continuamente marginalizada. Empiricamente percebemos que a cultura hip hop tem sido desvalorizada até mesmo pela própria população negra. Tal desvalorização se expressa através de comentários encontrados entre a população.

A marginalização da cultura negra aconteceu por muitos anos, partindo principalmente dos europeus, que consideravam os habitantes do continente africano como um povo primitivo, logo, incapazes de produzir arte de alta qualidade. Os estudiosos europeus classificavam as obras dos artistas africanos como *rituais religiosos*, como afirma Munanga (*apud* SILVA e CALAÇA, 2006), ao se referir à forma como os europeus concebiam a arte africana. Mas esse panorama de invisibilidade e desvalorização da arte africana começa a mudar com o posicionamento de críticos e artistas europeus sobre o assunto.

Conforme Ribeiro (2006), o hip hop surge nos guetos dos Estados Unidos da América como movimento sociopolítico e cultural empenhados na melhoria de condições de sobrevivência da população negra daquele país. Essa população, que naquele momento encontrava-se reprimida por um racismo violento da sociedade americana, também sofria com conflitos internos entre os grupos de gangues que dominavam as comunidades rivais. O hip hop emerge entre as comunidades como uma forma diferente para duelar. As competições entre eles se davam, a partir de então, através do dança (*Breack*) e do canto rimado (*Rap*). Eram através dessas linguagens que as batalham entre comunidades aconteciam.

Desde a sua origem até a atualidade, esse movimento é, majoritariamente, a representação social da população negra jovem. Colocados à margem da sociedade, com

poucas oportunidades de ascensão social, e cercados por um clima de dupla violência, interna e externa, os jovens encontram no hip hop a linguagem essencial para comunicar à sociedade suas dores e amores.

A linguagem jovem e particular de cada um dos elementos que compõem o movimento, que trazem sempre as expressões das comunidades, incluindo denúncias sociais como o racismo e as dificuldades internas dos moradores, assim como sua intrínseca relação com o povo negro historicamente subjugado, acabam por tornar o hip hop uma cultura marginalizada, sendo considerada na sociedade como arte de bandido.

2. O HIP HOP E AS RAÍZES AFRICANAS

Os artistas africanos buscam inspiração na natureza para construir suas peças, que são originais e possuem forte valor simbólico, resgatando aspectos culturais e identitários. As obras africanas apresentam elementos da vivência em suas comunidades. Essas ligações envolvem aspectos não só sociais, mas também espirituais. A relação das comunidades de origem africana com o hip hop pode ser ilustrada no documentário *Balafon*, dirigido por Julie Courel, o qual o seu personagem principal passa os princípios de sua técnica aos mais jovens, ao mesmo tempo em que parece estar ligado o tempo inteiro à espiritualidade e à ancestralidade, desde a medida dos espaços entre um material e outro até a oferenda.

A arte africana transmite as emoções das relações sociais existentes em cada povo, logo, em cada região africana se manifestam diferentes formas, trazendo consigo características e costumes próprios. Desse modo, uma obra de arte nem sempre poderá ter seu significado alcançado por todos que a observam, sendo necessário um conhecimento maior da sociedade produtora para compreender a essência da mensagem que o artista desejou transmitir. Segundo Silva e Calaça (2006, p.24):

O conteúdo e a forma da arte são, ao mesmo tempo, consciência e reflexo de um certo número de valores, preocupações, aspirações de uma dada sociedade, sendo simultaneamente fator de coesão e veículo de comunicações. Enquanto forma, pode servir de veículo de vários tipos de comunicação; contudo, não apenas a interpretação da forma constitui fonte de dificuldades, mas o conteúdo de uma obra pode permanecer inacessível, mesmo quando sua forma seja apreendida.

Nas sociedades africanas as representações artísticas são formas de expressão e comunicação dos artistas com a sociedade através de suas obras, sejam elas a escultura, a música, a dança ou a pintura. Demonstrando a essência da arte negra africana, o hip hop traduz através de cada elemento de sua rica arte uma comunicação com a sociedade em que está inserido. Por meio da linguagem corporal os sujeitos expressam a cultura negra.

Santos (2013) observa que essa arte possui raízes africanas, sendo uma forma resistência e enfrentamento ao racismo, que tem origem nas ruas das periferias dos grandes centros urbanos, denunciando o preconceito, a violência e a discriminação.

No movimento hip hop, assim como na arte africana em geral, os valores e ideais sociais são expostos para o público através da dança (*Break*), da música (*DJ, rap*), da literatura e da pintura (grafite). Essas artes expressam valores, tais como: a luta por igualdades sociais; mais oportunidades para a população moradora das periferias; denúncias de preconceito racial e de como a população da periferia é tratada dentro de sua comunidade, especialmente pela polícia.

Esses universos se entrelaçam, exercendo influências mútuas. Dessa forma, a arte africana ganha cada vez mais notoriedade e o formato próximo ao que vemos hoje com a luta dos negros americanos por melhores condições de vida e a conseqüente guerra racial contra os brancos dos EUA nas décadas de 1960 e 1970. A arte ligada às tradições e costumes populares através do grafite se encontra como um grito de resistência da classe dos oprimidos. Essa linguagem é uma forma de expressão que ganha notoriedade através da criatividade. Também é professada na expressão corporal, mostrando a identidade como resistência à opressão e descredenciação do negro na sociedade. Hoje o hip hop se tornou uma forma politizada de se retratar a dificuldade social dentro do senso de coletividade que poderemos interpretar como movimentos sociais dos oprimidos.

Segundo Ribeiro (2006), o hip hop é um dos muitos elementos culturais resistentes da diáspora negra africana, oriunda do sistema escravista. Os sujeitos dessa diáspora reciclam a cultura coletiva africana e misturam aos elementos do novo mundo. Assim, a essência dos valores culturais seriam mantidos por muitas gerações.

O autor destaca que entre as décadas de 1960 e 1970 surgem os primeiros elementos pertencentes ao movimento como representação social. Devido à grande onda de violência que aumentava entre os grupos de gangues na periferia da cidade de Nova York, um dos líderes, que posteriormente viria a se chamar Afrika Bambaataa, sugeriu que as comunidades disputassem através de batalhas dançantes. Tal iniciativa passa a acontecer com freqüência entre os referidos grupos.

A dança é utilizada pelos jovens que compõem o movimento como uma forma de rebelião, de libertação e expressão do povo negro, ou seja, uma forma de denúncia ao expressar o sentimento que domina o bairro naquele momento. Vai além da dança e da arte, representa um ato político e simbólico, como forma de resistência à cultura branca (VIANA, 2007).

Uma das principais características do hip hop é o estilo próprio de se vestir e de se portar na comunidade: os cabelos *blackpower*, assim como os *dreadlocks*, representam a afirmação da identidade negra e a relação com a África. Resguardadas as diferenças de estilo, essas também são características dos *griots* africanos, como relata Bernat (2013, p. 79):

Ser griot é antes de tudo um comportamento. Quando entra num lugar, ou começa a falar, já pela sua conduta percebe-se que estamos diante de um griot. As principais características desse comportamento são a simplicidade e a delicadeza no trato com as palavras.

Os *raps* são uma mistura de faixas musicais mixadas com as batidas eletrônicas montadas pelos *DJs*, junto com as letras críticas e políticas que em sua maioria retratam o cotidiano das comunidades onde a maioria dos artistas são membros. Esse estilo musical sofre nítida influência dos *griots*, os artistas africanos que tradicionalmente cantam a história de seu povo para a sua comunidade, sendo muito respeitados, pois mantém a tradição da oralidade africana, como percebemos no documentário *Sotigui*, dirigido por Alexandre Handfest.

Também em relação aos *raps*, podemos perceber semelhanças com a musicalidade vista no filme *Cuba Feliz*, documentário dirigido por Karim Dridi, onde os personagens cantavam e tocavam o tempo inteiro e em determinados momentos faziam duelos de música.

Outro elemento característico é o *break*, estilo de dança com peculiaridades. Nela o artista utiliza a dança para desafiar outro participante. Assim como o *rap*, o *break* expressa através de duelos a representação dos conflitos existentes dentro de uma comunidade. A linguagem corporal é também uma das principais características das danças africanas, em que cada participante expressa seu sentimento através dessa arte.

Através do filme *Jongo*, do diretor Jiddu Saldanha, percebemos a relação do *break* com a tradição oral, pois as duas manifestações culturais são desenvolvidas através da dança, dando voz aos corpos dos participantes. Eles conversam entre si numa disputa, um convite ou mesmo uma reverência ao outro.

De acordo com Silva (2014), o grafite se comunica de forma política e crítica através dos desenhos, pinturas e escritas, explorando a arte visual. As mensagens expressam as denúncias e os receios das comunidades pobres. Para os jovens grafiteiros, o simples fato de colocar sua arte em um muro já representa o desejo de afirmar sua identidade, os protestos que vêm junto às imagens são realçados com uma pintura colorida que parecem

ser outra proximidade com a arte africana, que utiliza em suas obras muito colorido que transparece a alegria do povo africano.

No grafite também podemos observar outros elementos que caracterizam a arte africana, como a desproporção e a estilização, pois as obras são produzidas sem obedecerem ao equilíbrio harmônico ocidental. Nesses casos o artista cria livremente seguindo seu estilo.

Acreditamos que advém da ação de uma simplificação do aspecto formal de toda e qualquer natureza. Nesse caso, a criatividade e a originalidade do estilo do artista sobressaem livremente na elaboração do objeto artístico, constituído uma estilização de especificidade singular (CALAÇA, 2013, p.40).

O hip hop, como elemento da arte negra, para o seu verdadeiro sentido ou essência ser entendida é necessário uma aproximação, um maior entendimento da sociedade em que o artista está inserido. Um olhar superficial sobre as obras desse movimento ao longo do tempo revelaram imagens distorcidas, que só serviram para aumentar a opressão aos seus membros.

Do mesmo modo, consideramos importante compreender o ambiente em que os *griots* estão inseridos, por ser o lugar de onde eles falam que lhes inspiram e que lhes representam. Os *griots* são os representantes de sua comunidade e cultura, agem mais do que apenas culturalmente, mas também politicamente dentro desses aspectos.

Assim como os *griots*, o hip hop, em sua essência, também é um movimento político de valorização e liberdade negra. Por isso a inserção dos jovens moradores da periferia no movimento poderá lhes ocasionar uma maior liberdade de expressão.

Os jovens se auto representando através do *hip hop* aproveitam para, ao mesmo tempo, defenderem suas crenças religiosas, atacar fortemente o racismo e a violência perpetrada tanto pelo Estado, quanto pelos movimentos xenófobos locais [...] (RIBEIRO, 2006, p.54).

Aproximando essa realidade para o estado do Ceará, as primeiras manifestações do movimento acontecem na década de 1989, por meio da fundação MH2o. Cumprindo o seu papel inicial de ser o canal de comunicação da periferia, o movimento ganhou força nas comunidades pobres de Fortaleza, principalmente nas periferias, com a multiplicação dos grupos organizados em várias comunidades. Com os grafites temos uma das principais expressões e reivindicações dos jovens negros da cidade.

O Fórum Cearense de hip hop reúne as organizações do movimento no Estado do Ceará e busca discutir as principais pautas do dessa cultura no interior e na capital. O evento também abre espaço para apresentações dos grupos organizados.

Algumas políticas públicas desenvolvidas no Ceará fortalecem a cultura negra e proporciona maior notoriedade ao movimento hip hop. Dentre elas destacamos a valorização das CUFAs (Central Única das Favelas). Essa organização promove atividades que reúnem os participantes do movimento, tais como cursos gratuitos de grafite e jogos de basquete de rua que são transmitidos em rede nacional.

Apesar de boas iniciativas dos governos em relação ao movimento, ainda percebemos uma falta de apoio mais incisivo por parte dos governantes. Os líderes do movimento ainda buscam mais espaço político para se expressarem e manterem vivos elementos da tradição oral africana na sociedade brasileira.

3. IDEOLOGIA PEDAGÓGICA E A IDENTIDADE DAS AÇÕES AFIRMATIVAS

O corpo do saber pedagógico atual é a sistematização didática que ainda não se instituiu dos valores das diversidades da nossa cultura e tradições de forma que haja identidade e pertencimento. O educando, em seu percurso educacional básico, necessita de autovalorização e igualdade. O saber sistematizado, muitas vezes, torna-se um obstáculo para tais sujeitos, uma vez que os mesmos não se reconhecem em tais conhecimentos.

A ideologia das escolas de base adotou o padrão social pedagógico que, quando não tradicional e cheio de corporativismos excludentes, seriam projetos do ideal pedagógico construtivista. Os mesmos não têm os objetos compartilhados com grupos sociais afro-brasileiros ou movimentos sociais, os quais representam o grito da sociedade, no qual poderiam nos beneficiar de valores, padrões cognitivos de arte, padrões linguísticos de rima musical e expressão corporal específica. Contudo, podemos dizer que:

Ideologia é a forma social que os conteúdos significativos, que os discursos assumem ao serem elaborados pelas diversas instituições (econômicas, políticas, religiosas, pedagógicas, etc.). Sendo essa forma homóloga à forma de valor dominante na sociedade em questão, tende sempre a tentar manter ou reproduzir as relações de produção vigentes, que consolidam eventualmente a hegemonia de uma classe ou o equilíbrio interno de um grupo (SODRÉ, 1988, p. 67-68).

Essa ideologia do corpo docente escolar apresenta pouca interação com ações afirmativas. Destacamos que na aplicação das ações educativas na escola não deve haver interferência pessoal do que o educador julga ser contra seus costumes e credos, e sim o mesmo deve garantir o que o Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno/DF (CNE/CP 3/2004), estabelece como Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. O professor deve ser otimizador na sua atitude como educador para que se torne afirmativo

e cognitivo no seu trabalho. O Conselho supracitado desenvolve os componentes curriculares para educação nessa modalidade e os coordenadores pedagógicos devem promover o aprofundamento dos estudos, para que os professores concebam e desenvolvam unidades de estudos, projetos e programas, abrangendo os diferentes componentes curriculares.

A nossa pedagogia traz marcas de divisão das classes desde a época colonial, quando se remete com aculturação tradicionalista, contemplando, também, a epistemologia européia. Dessa forma, insere-se todo o contexto de formação educacional de acordo com o padrão europeu, relegando a diversidade cultural brasileira a segundo plano.

Sabe-se hoje que há correlação entre pertencimento étnico-racial e sucesso escolar, indicando, portanto que é necessária firme determinação para que a diversidade cultural brasileira passe a integrar o ideário educacional não como um problema, mas como um rico acervo de valores, posturas e práticas que devem conduzir ao melhor acolhimento e maior valorização dessa diversidade no ambiente escolar (Lei 10.639/03, p.13).

Resgatar e salvaguardar os direitos de expressão e o legado de conhecimentos afrodescendentes e social no Brasil é também trazer para o povo a autoestima daquele que não é aceito na sociedade devido a sua cultura popular de afirmação, resistência e civilidade. Dentro desse contexto o hip hop é o ato de manifestação social que contesta os meios excludentes sociais. A escola é o meio de formação social e cultural que ainda não engloba as afirmativas do estilo de musicalidade, de expressividade corporal e artística do hip hop. Poucas são as instituições de ensino que incorporam as afirmativas da Lei 10.638/03 sobre essa questão. O hip hop contribuiria para o sentimento da coletividade da nação, sem contrapontos negativos e na formação da identidade cultural, primando pela subjetividade, ao contrário de uma única identidade social atendendo aos critérios ideológicos de classes que desejam ser distintas das demais.

Uma ideologia cultural será toda tentativa de redução do sentimento da cultura aos modelos ideológicos atuantes nas relações sociais. Entram nesta categoria doutrinas culturalistas, políticas culturais, avaliações burocráticas da produção intelectual, posições intelectuais, etc. (SODRÉ, 1988, p.69).

Considerando o hip hop como um dos principais veículos de comunicação entre adolescentes e jovens, esse pode ser utilizado pela escola como canal para a aplicabilidade das leis de ações afirmativas, dada a sua íntima relação histórica, política, social e cultural com a história de luta negra no mundo. A partir dele poderia ser trabalhados os elementos relevantes a sociedade africana, seus signos e significados. Suas relações com as culturas ocidentais, assim como os efeitos para as sociedades ocidentais da grande diáspora africana.

É através do viés da identidade que o afro-brasileiro encontra seu pertencimento, que poderá acontecer por meio das experiências didáticas vividas nas tradições e costumes. A ajuda para resgatar através do simbólico e do pedagógico é o que irá classificar o cidadão socialmente dentro das relações humanas.

Identidade é de fato algo implícito em qualquer representação que fazemos de nós mesmos. Na prática é aquilo que nos lembramos. A representação determina a definição que nos damos e o lugar que ocupamos dentro de um certo sistema de relações. O idem latino faz referência à igualdade ou estabilidade das representações, possibilitadas pela ordem simbólica e pela linguagem, mas também à unidade do sujeito consigo mesmo. A consciência, enquanto forma simbolicamente determinada, é lugar de identidade (SODRÉ, 1988, p. 35).

Um país plural de culturas não deve somente atender a um único modelo, em nosso caso, o modelo europeu de ensino, mas um padrão próprio que privilegie a coletividade dos saberes que cria caminhos pedagógicos e andragógicos com o fim, também, de evitar a evasão escolar. A coletividade na qual nos referimos é um exercício de valores com práticas de saberes que resgatam e se dividem em identidade individual e coletiva do pertencimento, ou seja, da nossa cultura.

A identidade individual e coletiva tem suas bases ou pontos de referência em conhecimentos vividos pessoalmente e em ensinamentos, na tradição em grupo, etc. Esses itens são encontrados na memória. É ela que guarda as diretrizes de organização e de aceitação de um grupo social (OLIVEIRA, 2007, p.69).

A escola ainda é o lugar onde o professor trabalha e divulga as normas de saberes universais sistematizados que devem respeitar as diversidades, ou seja, a pluralidade de culturas. Charlot (2013) afirma que a educação trabalha com três dimensões indissociáveis, onde é um triplo processo: de humanização, de socialização, de subjetivação/singularização. Nesse aspecto, a oralidade presente na cultura popular respeita a singularidade do ser humano e acrescenta na instrução a homonização para o educando ser parte do coletivo, face à reflexão de que a coletividade é a própria identidade pessoal de cada um. Essa identidade é o seu espelho, e para tanto, se não houver a luz para refletir no espelho, não haverá quem possa se ver refletido nele.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, percebe-se a estreita relação entre as tradições orais da cultura africana com o movimento hip hop, que nasce da cultura negra e, apesar de já sofrer outras influências, permanece com suas raízes ligadas à África.

Com relação às culturas negras na atualidade, consideramos imprescindível a valorização da cultura hip hop, uma vez que os valores e expressões desse movimento estão presentes no cotidiano da periferia de Fortaleza, tornando-se uma das principais formas de expressão dos jovens moradores de comunidades menos favorecidas. Através das ações do movimento eles comunicam seus sentimentos e pensamentos, dentro e fora de suas comunidades.

A não adesão do que está implícito na lei por parte do corpo docente de uma determinada escola acaba por negar a identidade e o pertencimento de um povo e seus valores culturais via oralidade. A diversidade caminha através da cognição com a pluralidade, atendendo a necessidade do educando ser formado, não para ser somente singular, e sim para ser coletivo, sem dogmas e doutrinas que o cerceie do seu livre-arbítrio.

É competência da escola não deixar de analisar e aplicar a multiculturalidade e a dinâmica da sabedoria do povo e sua afirmativa popular como instituição do saber axiológico⁴. Nesse contexto, o trabalho pedagógico deve sim promover o conceito de valor pluriétnico através da promoção da diversidade histórica, do fortalecimento da identidade e pertencimento, também o combate ao racismo e toda forma de discriminação do mesmo.

Nesse sentido, a educação, como veículo de transmissão cultural, tem a obrigação de conhecer e valorizar a cultura negra através do movimento hip hop. Primeiro por que não deveria supervalorizar uma cultura em detrimento de outra. Segundo, por que seria uma oportunidade de aproximar o universo escolar com a cultura de maior identificação dos jovens moradores dos grandes centros urbanos, principalmente os jovens da periferia, que percebem nesse movimento uma oportunidade única de expressão.

5. REFERÊNCIAS

BERNAT, Issac. *Encontros com o griot Sotigui Kouyaté*. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

BRASIL. **Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: [s.n.], 2003.

⁴ Axialógico é tudo aquilo que se refere a um conceito de valor ou que constitui uma axiologia, isto é, os valores predominantes em uma determinada sociedade.

_____. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. **Parecer CNE/CP 3/2004**. Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura afro-Brasileira e Africana. Brasília, Ministério da Educação, 2004.

CALAÇA, Maria Cecília Félix. *Movimento artístico de fundamento negro da praça da república*: São Paulo, 1960-1980. Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira. Fortaleza, 2013. Tese de doutorado.

CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber às práticas educativas*. São Paulo: Cortez, 2013.

OLIVEIRA, Eduardo D. *Filosofia da Ancestralidade: corpo e Mito na filosofia da Educação Brasileira*. Curitiba: Ed. Gráfica Popular, 2007.

RIBEIRO, Cristian Carlos Rodrigues. *O movimento hip hop como gerador de urbanidade: um estudo de caso sobre gesto urbano em Campinas*. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências Exatas, Ambientais e Tecnológicas. Campinas. Dissertação de Mestrado, 2006.

SANTOS, Silva Maria Vieira. *Hip hop de fortaleza: movimento social de maioria negra*. Disponível em: http://www3.fe.usp.br/secoes/inst/novo/agenda_eventos/inscricoes/PDF_SWF/11617.pdf. Acesso em: 09 de abril de 2013.

SILVA, Armando. **Atmosferas urbanas**: grafite, arte pública, nichos estéticos. São Paulo: SESC, 2014.

SILVA, Dilma de Melo; CALAÇA, Maria Cecília Félix. **Arte Africana e Afro-brasileira**. São Paulo: Terceira Margem, 2006.

SODRÉ, Muniz. *Claros e Escuros. Identidade, povo e mídia no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1988.

VIANA, Maria Luiza. *A experiência estética nos grafites e no Hip Hop como afirmação étnica e cultural dos jovens*. In: CUNHA JÚNIOR, Henrique; RAMOS, Maria Ester Rocha. Espaço e afrodecendência urbano. Fortaleza: UFC edições, 2007.